

A ISOGRAVURA COMO 'ESCREVIVÊNCIAS POR IMAGENS' NA E. M. DAS ACÁCIAS ATRAVÉS DO PIBID¹

Leticia Ferreira Torres de Sá Neto ²

João Pedro Lorenção Martins ³

Elinete Antunes de Sá do Nascimento ⁴

Victoria Farias Pellegrino ⁵

Marcelo Amaral Coelho ⁶

RESUMO

A pesquisa a seguir propõe um estudo acerca das aplicações pedagógicas na prática de isogravura em uma turma de EJA, E. M. das Acácias, em Itaguaí (RJ). Se pretende abordar como o ensino artístico da gravura pode gerar oportunidades para o diálogo sobre identidade, cultura, e vivências. A metodologia utilizada foi aquela respaldada pela Abordagem Triangular. Assim, foi possível conhecer a técnica da gravura e seus desdobramentos; refletir sobre seu contexto escolar e cultural; e, por fim, produzir uma obra em isogravura. A partir dessa experiência se pensou uma metodologia embasada na cultura, criação artística e expressão. Percebeu-se também que a isogravura pode ter seu espaço como ferramenta pedagógica, mas como expressão artística a figurar em museus e outros espaços ainda falta muito. Outra coisa: a isogravura se mostrou uma lacuna de pesquisa dada a dificuldade de encontrar referências consistentes. A observação do contexto da EJA, dado as dificuldades, mostrou que ainda não foi paga a 'dívida social' para com aquele público. Ao que a isogravura, enquanto ação pedagógica, se fez válida para que aqueles alunos contassem suas histórias através de 'escrevivências pela imagem' e se consolidasse como ferramenta pedagógica, técnica artística e lacuna de pesquisa.

Palavras-chave: Isogravura, PIBID, UFRRJ, EJA, Arte.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende propor uma reflexão a partir de uma oficina de isogravura realizada com uma turma da EJA (Educação de Jovens e Adultos), etapa III –

¹ Este artigo é fruto de investigação financiada pelo Programa de Iniciação à Docência do Edital CAPES 2022 com bolsa para Coordenação, Supervisão e oito licenciandos, e dois voluntários.

² Graduanda do Curso de Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Email: leticiaftdsn@gmail.com

³ Graduando do Curso de Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Email: lorencaopedro20@gmail.com

⁴ Mestranda do Curso de Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Email: elineteantunes@yahoo.com.br

⁵ Graduanda do Curso de Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Email: vifpellegrino@gmail.com

⁶ Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Belas Artes (UFRRJ); Coordenador Voluntário do PIBID/Belas Artes UFRRJ. Email: m.a.coelho38@gmail.com;

equivalente ao sexto/sétimo ano regular –, na Escola Municipal das Acácias, em Itaguaí (RJ). A atividade foi executada no âmbito do PIBID/Belas Artes/UFRRJ, sob supervisão da professora regente da turma, Elinete Antunes de Sá do Nascimento. O que contempla o objetivo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), implementado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), quando almeja inserir os discentes no cotidiano escolar contribuindo para a sua formação pedagógica na área (BRASIL, 2022).

A atividade tinha por objetivo introduzir os conceitos de gravura de forma acessível utilizando da técnica de isogravura para reflexões quanto às questões de identidade, cultura e expressão (vivências). Para isso, se pensou: apresentar a isogravura a fim de gerar fomentação artística como prática de expressão; observar as diferentes estratégias possíveis pela isogravura para uma aprendizagem significativa; estimular a produção de isogravuras como 'escrevivências pela imagem' para fortalecimento da identidade.

A EJA é uma modalidade educacional para jovens maiores de 15 anos que não concluíram o ensino fundamental e adultos maiores de 18 anos mediante a mesma defasagem no contexto do ensino médio. É garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que assegura o ensino gratuito e acessível àqueles que, por vários motivos, não puderam concluir seus estudos na idade própria. Devendo-se ter em conta seus contextos e interesses. Assim como garantir a permanência desse público na escola e reconhecer seus conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo da vida (BRASIL, 1996). No entanto, a realidade escolar mostra que a esse público não são oferecidas as condições previstas por lei (BRASIL, 2013). Em Itaguaí, por exemplo, a E. M. das Acácias é uma das oito escolas, em um universo de 68 unidades educacionais, que oferecem o EJA.

Quando se pensa em escola é comum perceber um lugar em que o discente, muitas das vezes, não tem vontade de estar. No contexto da EJA, isso pode ser mais pontual, pois o público atendido pelo segmento é composto de pessoas que trabalharam o dia inteiro e estão cansadas e/ou ainda por um grupo de alunos com um histórico de reprovação cuja idade não permite frequentarem os turnos diurnos.

Assim, dada a realidade em questão e a obrigatoriedade por um ensino de qualidade foi que se pensou a vivência pedagógica da Isogravura em diálogo com o planejamento anual estabelecido pela profa. Elinete Nascimento. Inicialmente, se contextualizou o tema, a gravura e suas tipologias; depois foram apresentados os materiais e as orientações técnicas; em seguida, os alunos realizaram suas obras.

Então, a isogravura se desenhou como um instrumento pedagógico a contribuir para reverter parte desse quadro. Essa técnica artística se configura pela acessibilidade, utilizando do isopor como material base e dispensando o uso da madeira. A troca por materiais acessíveis reduz custos, facilita o manuseio, incentiva a criatividade e alcança um público amplo. O que contribuiu para a democratização de acesso à arte e reconhecimento da isogravura como forma de expressão artística e ferramenta pedagógica como meio de comunicação alternativo e potencial de inovação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A proposta da oficina teve início pensando numa experiência interessante e envolvente aos alunos da EJA (Etapa III), da E. M. das Acácias, em Itaguaí (RJ). A escola está um pouco afastada do centro, no bairro Parque Primavera. Ali são oferecidas oportunidades de estudo desde a Educação Infantil até a EJA. O público atendido pela escola é composto por moradores que habitam as adjacências da escola.

A maior parte da turma era composta por adultos que durante o dia cumpriam longas jornadas de trabalho. No dia da oficina, estavam presentes 22 alunos. A proposta procurou dialogar com o planejamento anual estabelecido pela prof^a. Elinete Nascimento. Buscou-se trabalhar alguns dos objetos de conhecimento como: contextos e práticas, processos de criação e Conceição Evaristo. Dessa forma, atendendo à habilidade EF69AR31 (BNCC, 2017), que recomenda relacionar as práticas artísticas aos diversos contextos da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. A atividade proposta contemplava ainda algumas das estratégias, as quais eram: criar imagens a partir de Conceição Evaristo e do conceito de 'Escrevivência'.

A oficina foi executada no dia 21 de junho de 2023. Inicialmente foi contextualizado o conceito de gravura após uma sondagem com perguntas diversas dirigidas aos alunos. Essa contextualização se deu compartilhando as experiências obtidas nas aulas de gravura do Curso de Licenciatura em Belas Artes, da UFRRJ. Foram apresentadas como referências algumas das obras produzidas ao longo da disciplina, pela bolsista Letícia Neto. Feito essa contextualização, foi apresentada aos alunos a técnica da Isogravura. Apresentou-se os materiais e quais suas utilidades: a caneta esferográfica como goiva; o isopor como suporte para a matriz em lugar da madeira; o rolinho – de espuma e não borracha – para aplicação da tinta; e a folha de papel sulfite para a impressão.

Aos procedimentos técnicos foram acrescentadas as questões temáticas. A professora regente apresentou Conceição Evaristo e o conceito de 'Escrevivência' (escrever suas vivências) e os alunos fizeram relatos sobre suas histórias de vidas. Também foi abordado o tema da sustentabilidade em razão do reaproveitamento de materiais a partir da Isogravura. Foi então que se propôs aos participantes a ideia de fazer uma imagem que representasse suas próprias histórias. Os recursos da leitura, da contextualização e do fazer artístico, próprios da Abordagem Triangular (BARBOSA, 1991), foram explorados na condução da oficina. Então, como cada passo é importante para o processo de aprendizagem de arte, se recorreu à conceituação do que é gravura, a contextualização até chegar a isogravura e a prática artística.

Foi então que os alunos criaram o desenho diretamente no suporte de isopor. Com a caneta foram feitos os encavos no suporte seguindo o esquema linear do desenho. Após essa etapa, os alunos passaram ao entintamento da matriz. Um pouco de tinta guache em um recipiente (se utilizou um pote de margarina). Com um rolinho de espuma foi feita a aplicação da tinta sobre a matriz de isopor. Então, a folha fora colocada levemente sobre a superfície entintada do isopor e pressionada levemente com as mãos. Por fim, a orientação para que a folha fosse retirada com cuidado, como se fosse um adesivo.

Para a realização da oficina foi feito um planejamento de aula contemplando todas as etapas de realização de uma proposta dessa dimensão. Também se procedeu a uma pesquisa exploratória de levantamento bibliográfico que foi aprofundada para a escrita deste trabalho. Essa pesquisa inicial se deu a partir de textos na internet e consultando materiais de disciplinas oferecidas pelo Curso de Belas Artes (UFRRJ). Quando da realização da oficina se fez uso da observação participante e anotações daquilo que pode ser percebido. Foram feitas fotografias das obras mediante autorização dos autores.

A escrita do texto se deu em momento posterior à realização da oficina. À leitura dos textos como aprofundamento foram feitas anotações e fichamentos compartilhados em uma pasta no Drive e análise de conteúdo sendo debatida via whatsapp. Também foram realizados encontros virtuais pela plataforma *Meet* para as 'escrevivências' do texto. Foi disponibilizado um arquivo na pasta do Drive e compartilhado entre os autores para que a escrita fosse contínua e dinâmica. Cada autor/a intervinha no texto escrevendo com uma cor específica. Assim, era possível saber as contribuições individuais e saber em que ponto o texto se encontrava.

A gravura é uma das formas mais antigas de arte, caminhando junto do ser humano desde seus primórdios. Logo, o ser humano percebeu que a partir da incisão/encavo/entalhe sobre superfícies as mais variadas se poderia reproduzir imagens a partir da impressão. Surge a gravura e suas formas distintas de reprodução que, em contextos múltiplos, se apresenta como técnica, filosofia e meio de subsistência (cultural e de vida). A técnica pioneira é a xilogravura chinesa. A xilogravura baseia-se em entalhar a imagem em um bloco de madeira e aplicar tinta sobre as partes em relevo para criar impressões. Da China, a gravura chegou à Europa. Dali alcançou o mundo.

Pode-se dizer que a gravura compreende três outras técnicas artísticas: o desenho (linha, composição, áreas, etc); a pintura (tinta, cor); e escultura (entalhe, encavo, etc). Quanto às suas tipologias, segundo Alvarez (2017, p. 7), “(...) devemos discernir as nuances entre o que hoje denominamos como gravura de interpretação, gravura de reprodução e gravura original”. Na gravura de interpretação, o autor da imagem não a cria diretamente, concedendo essa tarefa a um gravador experiente cujo objetivo é reproduzir com precisão a intenção do artista original. Por outro lado, na gravura de reprodução, o gravador recria obras já existentes nas artes, com o propósito de reproduzi-las da forma mais fiel possível. E na gravura original, o gravurista também concebe a imagem a ser reproduzida e eventualmente impressa. Destacando-se assim, artistas renomados como Rembrandt, Goya, Toulouse-Lautrec e tantos outros.

No final dos anos 50, a gravura se tornaria uma prática ainda mais popular, visto que, grandes artistas exploraram a técnica de formas diferentes. Essa popularização abriu espaço para a exploração da gravura em campo ampliado. O que contempla novos espaços para a divulgação das obras, técnicas diversificadas e múltiplas experimentações. Para Alvarez (2017) a gravura e sua história são responsáveis por tornar a arte mais acessível e sua propagação permitiu a criação das mais variadas técnicas de impressão gravuristas: monotipia, papelgravura, litografia, gravuras em metal, a isogravura e outras. É a partir desse contexto que a Isogravura vem conquistando seu espaço.

A técnica com o isopor tem origem desconhecida. Se caracteriza por utilizar o isopor como suporte/matriz. Assemelha-se à gravura em EVA por sua acessibilidade: “A maciez, a facilidade do manuseio, seja com ferramentas de corte, com calor ou com solventes fazem deste um material ideal para se trabalhar com arte-educação nas escolas” (ALVAREZ, 2017, p. 24). A opção por materiais recicláveis reduz custos, incentiva a criatividade e motiva a participação de um público amplo. O isopor dispensa o uso de ferramentas de entalhe específicas, possibilitando a execução das obras de forma rápida e

segura. A técnica não só contribui para o desenvolvimento de práticas seguras e sustentáveis, mas também para a democratização do fazer artístico e a expressão cultural. Amplamente utilizada em sala de aula, a Isogravura pode ser o primeiro contato de inúmeros indivíduos com a arte da gravura.

Foi pensando nesse primeiro contato como acessibilidade à arte em si que a Isogravura se constituiu em conteúdo a ser trabalhado na EJA. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) consideram a EJA como uma “(...) instância em que o Brasil procura saldar uma dívida social que tem para com o cidadão que não estudou na idade própria” (BRASIL, 2013, p. 40). As salas de aula da EJA, ao refletir a desigualdade entre o público que ocupa aquele espaço, apontam que a dívida não foi paga. Esse público, por influência da mídia ou de pessoas próximas, não vê na educação uma forma de mudar de vida: ‘o trabalho que edifica’ parece a cultura internalizada. É quando a educação pode se fazer uma ferramenta social e crítica. Sem ela não se percebe o grau de alienação da sociedade em geral. Sem essa percepção, o indivíduo, alienado de seus direitos e deveres, não consegue se enxergar pertencente aos ambientes pelo qual circula - por exemplo, a própria escola. Agir para reverter esse contexto é fazer a aula de Arte ressoar para além de meros conteúdos técnicos. Isso significa que a sala de aula da EJA tem a responsabilidade de ser marcada pelas atividades que envolvem o pensamento, em detrimento das que apontam a mera memorização do que se pretende ensinar (BRASIL, 2006, p. 29).

Para refletir sobre o tema da identidade se explorou o conceito de 'Escrevivência'. Por 'Escrevivência' (escrever + vivência), conceito criado por Conceição Evaristo, se tem uma ferramenta crítica que desafia as formas de opressão que afetam as pessoas negras: “Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica” (EVARISTO, 2020, p. 29). Embora seja um conceito formado a partir do “fenômeno diaspórico e universal” negro, enquanto “sentido gerador”, se abrem possibilidades de múltiplas reflexões para além da questão racial. Por mais que seja identificável como uma ação individual, vai além da escrita pessoal e ajuda a evocar experiências coletivas. A aplicação desse conceito na escola provocou reflexões e promoveu a identidade artística dos alunos – quer negros e/ou brancos.

O processo de desenvolvimento da oficina foi alicerçado na contextualização da gravura até chegar à isogravura, nas reflexões quanto à técnica e ao tema; e, por fim, na prática artística como apropriação do conhecimento. Tendo como referência a Abordagem

Triangular, proposta pela arte-educadora Ana Mae Barbosa (1991, p. 02), que mudou o conceito da arte-educação no Brasil. A Abordagem Triangular propõe a articulação de processos perceptivos, cognitivos, analíticos e criadores em torno das ações de: 1. Fazer Arte; 2. Ver e ler a imagem, a obra ou o campo de sentido da Arte; 3. Contextualizar – o que é expresso e as imagens e os objetos que são lidos em termos históricos, sociais, vivenciais, subjetivos, etc.

A Abordagem Triangular enfatiza que a arte não se limita puramente à apreciação contemplativa ou livre expressão – embora, em algum momento, ambas possam fazer parte do processo artístico. Antes envolve pesquisa, conhecimento e compreensão. Essa abordagem promove a relevância do ensino crítico de artes permitindo processos múltiplos para contextualizar a história da arte, apreciar criticamente a obra de arte e estimular o fazer artístico como prática de vida. Esses processos, múltiplos por essência, podem ser adaptados pelo professor ao contexto que os alunos estão inseridos. Isso leva a uma docência reflexiva que vai além da sala de aula, permitindo relações amplas baseadas nos conhecimentos dos alunos.

Dessa maneira, a Abordagem Triangular não se constitui como um modelo ou método fixo de aprendizagem artística; mas sim como uma abordagem flexível que orienta a ação didático-pedagógica em sala de aula e fora dela. Essa ação requer espírito livre, investigação disciplinada e disposição corajosa por parte do professor e do aluno. A abordagem visa gerar novas perspectivas e tendências no campo das artes visuais, impulsionando formas autônomas e colaborativas de aprendizado, bem como promover a compreensão da prática artística.

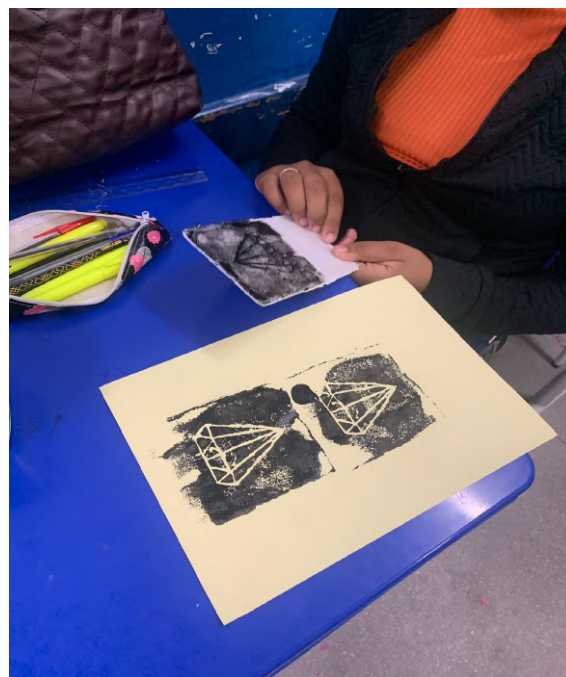
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fig. 02 - Entintamento da matriz

Fig. 03 - A isogravura realizada



Fonte: Acervo de Leticia Neto



Fonte: Acervo de Leticia Neto

A pesquisa permitiu rascunhar uma proposta metodológica para futuros aprofundamentos, baseada naquela abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2003), em que por meio da técnica 'alternativa' de isogravura, o aluno tenha contato com conhecimentos enquanto 'cultura'; repense esses conteúdos a partir de sua 'criação artística'; e que isso resulte na 'expressão' por meio dos recursos técnicos da arte. O que, no caso da E.M. das Acácias se fundamentou na apresentação da isogravura como cultura; na 'Escrevivência' como proposta reflexiva de 'escrita visual'; e, por fim, na execução das isogravuras como expressão dessa escrita pela imagem. Nessa direção foi possível trabalhar a epistemologia da arte, a interdisciplinaridade e transversalidade.

Dentro desse rascunho de proposta metodológica resultou a necessidade de, posteriormente, lançar um olhar mais apurado sobre a questão da alfabetização visual. Um parêntese: a alfabetização aqui não é pensada como um ato verticalizado e sim como uma proposição dialógica e contextual. Para a desenhista Donis Dondis, por alfabetização visual se entende a “(...) leitura [e ‘escrita’] de imagens fundamentado na sintaxis visual, que destaca a disposição dos elementos básicos como ponto, linha, forma, cor, luz em direção à composição” (SARDELICH, 2006, p. 206 - sic). Pensar esse tipo de alfabetização é ir além da obra de arte. Afinal, “ler [e ‘escrever’] uma imagem historicamente é mais do que apreciar o seu esqueleto aparente, pois ela é construção histórica em determinado momento e lugar, e quase sempre foi pensada e planejada” (SARDELICH, 2006, p. 209). A

aquisição dos fundamentos 'gramaticais' da linguagem visual é essencial para a conceituação, reflexão e realização da obra de arte.

Analisando o embasamento histórico reunido sobre a gravura foi possível observar a dificuldade de enquadrar a técnica da isogravura como uma prática 'convencional' no meio artístico. Embora, do ponto de vista pedagógico, a isogravura possa ser utilizada introdução ao universo da gravura, como técnica a figurar no universo artístico ainda falta alguma coisa. A oficina reforçou essa pedagogicidade. Por sua vez, as aulas da disciplina de Gravura, no curso de Belas Artes (UFRRJ), tem procurado propor a isogravura como técnica artística. Para além disso, de maneira transversal, a isogravura se apresentou como técnica sustentável de arte. A reutilização de bandejas de isopor permite dar novo uso ao material que iria diretamente ao lixo. O que também impacta na questão econômica, já que não é necessário despendar algum valor para adquirir o material. Até mesmo o fato de utilizar tinta acrílica ou guache e caneta, além de econômico, torna a prática acessível.

Fig. 04 – Quadro comparativo entre Xilogravura e Isogravura

	XILOGRAVURA	ISOGRAVURA
Estudo preparatório	Papel, lápis, borracha	Papel, lápis, borracha
Transporte da imagem	Decalque (papel transparente) ou carbono	Decalque (papel transparente) ou carbono
Fixação desenho na matriz	Lápis, tinta, caneta hidrográfica ou esferográfica	Lápis, tinta, caneta hidrográfica ou esferográfica
Matriz	Madeira	Isopor
Instrumento de desenho	Goivas	Caneta esferográfica ou outra
Tinta	Xilográfica	Guache, PVA, acrílica e outras à base d'água
Suporte	Papel	Papel

Fonte: COELHO, 2022.

A carência de referencial teórico diretamente ligado à Isogravura sinalizou a importância de investimento não somente didático, mas também de pesquisa. Essa é uma lacuna já sinalizada por Figueira e Araújo (2015, p. 347): “Cabe lembrar que muitos arte-educadores tem poucas referências bibliográficas sobre a isogravura, contudo, muito se tem utilizado dessa técnica nas aulas de Artes Visuais”.

A desigualdade no Brasil é um tema muito discutido, ainda mais agravante no âmbito educacional, quando pensamos em pessoas que não puderam concluir os estudos na

classe regular e no período padrão de tempo e idade se dá por um público excluído socialmente; mulheres (em grande parte mães), pessoas pobres, negros, periféricos...

Diante disso, a vivência pedagógica na E. M. das Acácias apontou a necessidade de se trabalhar a autoestima e uma educação de qualidade. Nessa direção, o ser humano que trabalha o dia inteiro precisa ter acesso à cultura e às práticas artísticas. Tal acesso, tendo a escola como um espaço de transformação, contribui para o fortalecimento da identidade. Sabendo quem é, o aluno se constitui sujeito da prática educativa. Enquanto sujeito, formula sua identidade cultural. Assim sendo, a formação identitária implica a transformação do mundo natural em mundo cultural e histórico a partir da linguagem [artística] como elemento social para a vida como invenção da existência (JACOB *apud* FREIRE, 2011, p. 32). Daí que a invenção da existência diz respeito a uma relação dinâmica entre o que herdamos e adquirimos. Uma relação dinâmica e ética: “A rigor, é sempre o outro enquanto tu que me constitui como eu na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu” (FREIRE, 2011, p. 33).

Em meio a esse processo de invenção da existência, a interdisciplinaridade entre a isogravura e a literatura de Conceição Evaristo, sintetizou visualmente as experiências vividas pelos alunos, seguindo o conceito de escrevivência abordada em sala de aula. Tal ação suscitou a importância da linguagem artística como elemento discursivo. Através da isogravura, os alunos puderam expressar quem são. A transformação da realidade individual e contexto cultural em uma síntese histórica e social por meio da imagem representou um aspecto fundamental no reconhecimento de suas origens, vivências e contextos sociais.

Conforme sinalizado acima, e considerando o que disse a DCNEB, a EJA ainda é uma dívida não paga àquela parcela da sociedade brasileira que se encontra abaixo do nível médio de escolaridade. A E. M. das Acácias, é uma das poucas unidades em Itaguaí a oferecer a modalidade. O que traz à reflexão a qualidade do ensino que deve ser oferecido a esse público e o quanto a EJA precisa avançar para que não se dê o esquecimento velado desta classe social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, a oficina foi concebida não apenas como um ato de instrução, mas como uma chance de aprendizado mútuo, conforme previsto nos objetivos do PIBID. Naquela ação pedagógica, ficou evidente que entre educando e educador, através do fazer

artístico e do diálogo acerca da cultura, geraram o compartilhamento de suas experiências, tanto coletivas quanto pessoais. Portanto, a utilização de uma ação pedagógica de ensino artístico pautada na isogravura como prática epistemológica de arte (linhas, áreas, contrastes, composição, etc); interdisciplinar (diálogo com a literatura, a história, etc); e transversal (ao abordar questões de sustentabilidade, identidade e outras). Se mostrou uma prática acessível de inserção cultural e potencial ferramenta pedagógica de inserção cultural. Sem contar a preparação técnica para lidar com a xilogravura.

A criação de imagens como imagens de si mesmo através da isogravura permitiu àqueles alunos a possibilidade de inventar sua existência tendo como referência elementos culturais vindos de fora em reflexão a partir de seus próprios contextos. Assim, a isogravura se firmou como 'escrevivências pela imagem' como expressão de quem se foi, se é e se pretende ser. Talvez seja essa uma forma de saldar aquela dívida social que perdura há tempos. O que não descarta a urgência de políticas públicas de educação voltadas a esse público.

Ainda é esperado que esse artigo possa fomentar futuras pesquisas quanto ao tema da isogravura já que, conforme apontado por Figueira e Araújo (2015), há pouca coisa escrita sobre a técnica de impressão a partir do isopor como matriz. Por tudo relatado no texto, se acredita ter atingido aqueles objetivos do PIBID: incentivar a formação de docentes; a valorização do magistério; a integração entre a educação superior e aquela básica; a inserção dos licenciandos no contexto escolar; a parceria com o professor regente; e a articulação entre a prática e a teoria.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à Fundação CAPES, ao Programa Institucional PIBID/UFRRJ, à Escola Municipal das Acácias, professores coordenadores, à professora supervisora e aos colegas pela parceria nesta jornada.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Fernando. **Gravura**. Vitória: UFES, 2017. Disponível em: <https://acervo.sead.ufes.br/arquivos/gravura.pdf>. Acesso em: 31 de ago de 2023.

BARBOSA, Ana Mae. Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 9, 2022. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>.

Acesso em: 31 de ago de 2023.

BRASIL. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos** – O Processo de Aprendizagem dos Alunos e Professores. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. Casa Civil. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **LDB nº 9.394**. Brasília, 1996. 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 22 de dez de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília (DF): MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC versão final. Brasília, DF, p. 33-53, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação/Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). **Portaria nº 83**. Brasília, 2022, Ed. 79, Seção: 1, p. 45, 28 de abril de 2022. Disponível em: <https://in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-83-de-27-de-abril-de-2022-395720096>. Acesso: 31 de ago de 2023.

COELHO, Marcelo Amaral. **Isogravura**. 2022. PDF.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella R. (Orgs). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 26-47, 2020.

FIGUEIRA, Marcele Socorro de Almeida e ARAÚJO, Dayana Soares. Isogravura enquanto meio pedagógico para o ensino de artes visuais no ensino médio. In: XXV CONGRESSO NAC. DA FED. DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL/ III CONGRESSO INT. DA FED. DE ARTE EDUCADORES. **Políticas públicas e o ensino de arte: entre a formação e a ação em artes visuais, dança, música e teatro**. Fortaleza (CE), 5 a 9 de nov de 2015, p. 344-349. Disponível em: <https://docplayer.com.br/28972222-Isogravura-while-teaching-means-for-the-teaching-of-visual-arts-in-elementary-education.html>. Acesso em: 20 de jun de 2022.

FREIRE, Paulo. Oitava Carta. Identidade cultural e educação. In: IPHAN. **Educação patrimonial: orientações ao professor**. 2 imp. João Pessoa (PB): Superintendência do Iphan na Paraíba, p. 32-35, 2011.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. **Educar**, Curitiba, n. 27, p. 203-219, 2006.